

EXPOSIÇÃO AVULSAS uma perspectiva autoetnográfica do autismo

EXHIBITION AVULSAS an autoethnographic perspective on autism

261

Ana Gabriela do Vale Gomes
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

DOI : 10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40301

Resumo

Este texto analisa criticamente a exposição virtual *Avulsas*¹, organizada por artistas autistas, a partir de uma perspectiva autoetnográfica, anticapacitista e situada. A exposição propõe um deslocamento radical nos modos de representar e curar arte feita por pessoas autistas, recusando a normatização e reivindicando a sensibilidade neurodivergente como estética legítima. A metodologia empregada se ancora em práticas autoetnográficas e curadorias dissidentes, buscando compreender como as obras produzem poéticas do detalhe, da repetição e do silêncio. A análise propõe que *Avulsas* não se limita à visibilidade identitária, mas configura um gesto político de invenção de mundo.

Palavras-chave: autismo, curadoria, arte contemporânea, deficiência

Abstract

This text critically analyzes the virtual exhibition *Avulsas*, organized by autistic artists, from an autoethnographic, anti-ableist, and situated perspective. The exhibition proposes a radical shift in the reclaiming modes of representing and curating art made by autistic people, rejecting standardization and neurodivergent sensitivity as legitimate aesthetics. The methodology employed is anchored in dissident autoethnographic and curatorial practices, seeking to understand how the works produce poetics of detail, reproduction, and silence. The analysis proposes that *Avulsas* is not limited to identity-based visibility, but rather constitutes a political gesture of world invention.

Keywords: autism, curation, contemporary art, disability

¹ Exposição Avulsas: <https://www.artsteps.com/view/67deedc491059d3f80801c1>

Introdução

No Dia Mundial da Conscientização do Autismo, 2 de abril de 2025, foi inaugurada a exposição virtual *Avulsas*, um encontro sensível e politicamente engajado que reúne três artistas autistas (Ana Cândida, Isadora Ifanger e Noberta Dóia) em diálogo com seus corpos, percepções e narrativas. Ao ressignificar uma palavra historicamente utilizada como insulto, as artistas transformam a noção de ser “avulsa” em símbolo de autonomia, dissonância criativa e potência subjetiva. Nesse gesto, revelam as camadas estéticas e políticas contidas nas experiências neurodivergentes, tensionando normas de comunicação, presença e pertencimento.

Este texto propõe uma análise crítica da mostra, partindo da noção de neurodiversidade enquanto paradigma ético e epistemológico. Como afirma Judy Singer (2017, p. 24), “a neurodiversidade é a ideia de que as variações neurológicas, como o autismo, não são doenças, mas sim parte da diversidade humana”. Essa perspectiva, também desenvolvida por Nick Walker (2021), contesta visões patologizantes e reivindica o direito à diferença como valor político e cultural.

Ao mesmo tempo, a mostra se inscreve no campo da autoetnografia radical, ao tomar o corpo e a vivência autista como ponto de partida para a produção artística e curatorial. Em vez de representar o autismo como alteridade distante, *Avulsas* propõe uma insurgência do sensível: uma exposição feita por, para e com pessoas autistas, que não apenas ocupam o espaço expositivo, mas o reconfiguram em sua própria gramática sensorial.

Em diálogo com teorias da arte contemporânea e das poéticas da diferença, investigamos como *Avulsas* constrói uma contra-narrativa à estética da normalização, promovendo formas outras de existência sensível, onde o ruído, o excesso e o silêncio ganham espaço legítimo como linguagem artística.

Ao longo do texto, articularemos conceitos de interseccionalidade, tecnologias digitais e políticas do sentir, destacando como *Avulsas* se inscreve nas práticas artísticas que desafiam a colonialidade do saber e do sentir normativo. Mais do que uma simples reunião de obras, a exposição se apresenta como gesto político-curatorial: um espaço de experimentação onde a linguagem visual se torna também linguagem afetiva, hipertextual, dissonante. Nesse sentido, *Avulsas* pode ser lida

como uma proposta de curadoria anticolonial, que desestabiliza a centralidade do olhar normativo e abre caminho para outras formas de fazer, pensar e sentir arte.

Metodologia

A análise aqui proposta parte de uma perspectiva qualitativa e autoetnográfica, entrelaçando crítica cultural, teoria da arte e estudos da deficiência. A escolha metodológica é guiada por três eixos principais: (1) a autoetnografia sensível, (2) a teoria crítica da neurodiversidade e (3) o campo das curadorias dissidentes e contra-hegemônicas.

A autoetnografia, enquanto método que valoriza a experiência situada da pesquisadora, é aqui assumida como estratégia de ruptura epistemológica. Inspirada nos trabalhos de Ellis e Adams (2014), esta abordagem recusa o distanciamento objetificante e reivindica o corpo e o sentir como campos legítimos de saber. Sendo a pesquisadora também uma pessoa autista e artista com deficiência, sua experiência direta com os temas e modos de existência abordados na exposição *Avulsas* permite uma imersão sensível, crítica e politicamente implicada.

A análise das obras é orientada por uma escuta da diferença neurológica como epistemologia própria, tomando o paradigma da neurodiversidade como ponto de partida para compreender as estéticas expostas. Adotamos o entendimento de que o autismo não é uma condição a ser normalizada, mas uma forma válida de ser e de conhecer o mundo (Walker, 2021). Tal olhar desloca o foco da deficiência como falta para o reconhecimento da multiplicidade sensorial e afetiva como potência criadora.

Entendemos a curadoria não apenas como organização de obras, mas como dispositivo de enunciação e poder. A exposição *Avulsas*, ao ser organizada pelas próprias artistas autistas, configura-se como um ato curatorial insurgente, uma forma de intervenção nas dinâmicas capacitistas do campo artístico. A curadoria é aqui analisada como prática crítica, encarnada, colaborativa e interseccional, aproximando-se das proposições de Paul B. Preciado (2021) sobre epistemologias

dissidentes e de Maria Thereza Alves (2020) sobre descolonização dos modos de mostrar.

Com esses eixos metodológicos, propomos uma leitura das obras e da curadoria como territórios de criação de mundos, onde a sensibilidade autista não apenas aparece como tema, mas funda uma linguagem estética própria.

Descrição das Obras

A exposição *Avulsas* se desdobra em três núcleos poéticos, cada qual traduzindo experiências autistas por meio de diferentes linguagens visuais e sensoriais: uma obra gerada por inteligência artificial, uma série fotográfica e uma série de fotoperformances. Cada trabalho carrega em si uma afirmação da diferença como método e matéria estética, recusando mediações normativas para criar, em vez disso, espaços de reverberação afetiva, hipersensível e política.

Obra em Escultura, Stop Motion e Inteligência Artificial (IA) generativa “Hipersensibilidade Sonora”, de Noberta Doia



Imagem Hipersensibilidade Sonora, Noberta Doia

Essa obra, composta por sequências visuais geradas via IA, explora a repetição, a variação mínima e os padrões como formas de expressão sensorial. O vídeo parte de uma escultura de orelha que vai se modificando com o som dos ambientes. O ritmo é contemplativo, entrecortado por oscilações sutis, como se cada frame pedisse ao espectador que se demore, que desacelere, que sinta.

A obra reage e nos mostra a perspectiva da hipersensibilidade sonora presente no autismo. Para criar esse efeito a artista faz uma pequena escultura com massa de modelar de Espuma Vinílica Acetinada E.V.A., então utiliza técnica básica de *stopmotion*, um aplicativo de recorte de imagem e um outro para criação do vídeo em *stopmotion* para então criar efeitos sonoros com IA generativa.

A inteligência artificial, neste caso, não é usada como fetiche tecnológico, mas como aliada de uma linguagem que mimetiza estados de sobrecarga e imersão. Trata-se de um deslocamento do uso convencional da IA para uma experimentação sensível, algo que não busca representar o autismo, mas traduzir algo de sua vivência interna em forma estética.

Série Fotográfica “A toca”, de Ana Cândida



Imagem A toca, Ana Cândida

A série fotográfica mergulha em cenas íntimas e detalhes do cotidiano: objetos, espaços domésticos, reflexos, dobras e fragmentos de corpo. A câmera se aproxima obsessivamente dos detalhes (uma cortina ondulando com a luz, a textura de uma parede, o reflexo) compondo uma espécie de inventário afetivo da percepção.

Há uma busca por aquilo que escapa ao olhar treinado para o sentido imediato. Como para Preciado (2021), ver de outro modo é uma forma de desobedecer às normas de percepção impostas. As imagens propõem essa desobediência silenciosa, onde a fotografia se torna uma extensão sensorial da artista. Em vez de grandes narrativas, vemos mundos microscópicos, sinais de presença, ecos da subjetividade autista filtrada pela lente.

Série de Fotoperformance “Deforma”, de Isadora Ifanger

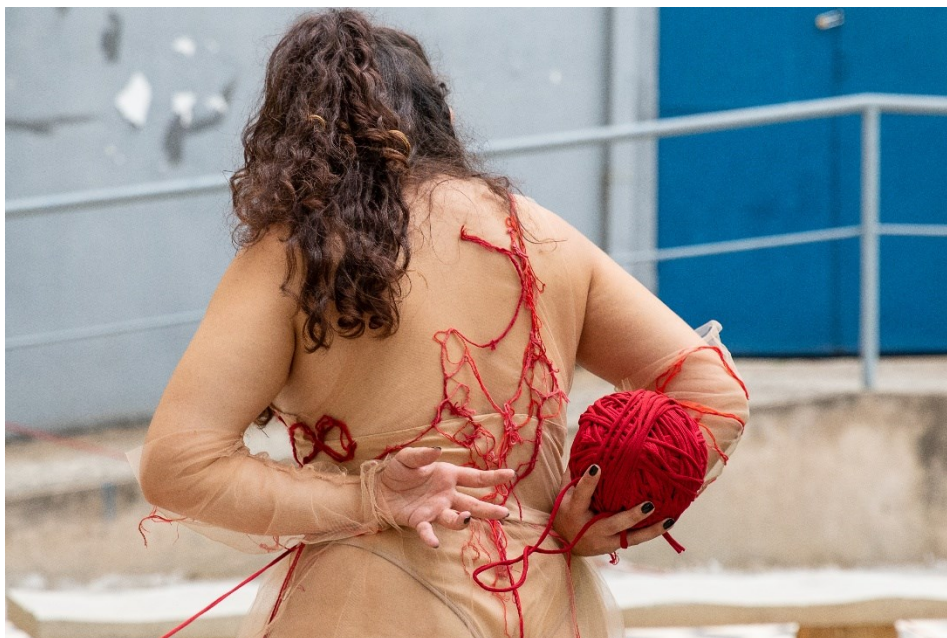


Imagem Deforma, Isadora Ifanger

Na série de fotoperformance, o corpo da artista aparece como dispositivo poético e político. Não se trata de representar o corpo, mas de performar sua existência dissidente em ambientes que ora o contêm, ora o expulsam. Os gestos são

contidos ou explosivos, muitas vezes enrijecidos, em outras, quase invisíveis, mas sempre carregados de sentido.

As imagens questionam as normas espaciais e corporais: a artista se posiciona entre objetos domésticos como se fizesse parte deles; se esconde parcialmente atrás de uma parede; se deita no chão com o rosto voltado para uma planta. Essas composições interrogam os modos como o corpo autista é constantemente regulado, interpretado ou patologizado.

Ao mesmo tempo, afirmam outras formas de habitar o espaço, performar o tempo e estar no mundo. São gestos de resistência silenciosa que desestabilizam o olhar capacitista, e propõem uma estética que não se explica, mas se impõe por sua presença inassimilável.

Análise Crítica

A exposição *Avulsas* apresenta-se como território de multiplicidades sensíveis, em que as obras não buscam explicar o autismo para o público, mas antes criar atmosferas onde os modos neurodivergentes de existir possam reverberar. Nesta seção, propomos uma análise crítica dividida em três frentes: ressignificação semântica e estética, poéticas do corpo e da diferença, e curadoria como gesto político de deslocamento.

Ressignificação Semântica e Estética

A palavra "avulsa", comumente usada para descrever alguém desconectado ou inadequado aos moldes sociais, é aqui reapropriada como signo de resistência. Há um movimento semântico performado pelas artistas que transforma o insulto em título, e o título em gesto poético. A exposição propõe, com isso, uma estética da dissidência: não se trata de mostrar como as artistas "superaram" o autismo, mas de afirmar as singularidades e ritmos próprios da experiência autista como linguagem legítima.

Essa ressignificação reverbera nas obras: os padrões repetitivos gerados por IA, os detalhes quase invisíveis das fotografias e os gestos limítrofes das

performances funcionam como gramáticas de mundo que recusam a linearidade, a representação objetiva e a transparência comunicacional, características tão valorizadas pelo olhar neurotípico.

Poéticas do Corpo e da Diferença

Em todas as obras, o corpo aparece como território de linguagem: seja o corpo da artista diante da câmera, seja o corpo sensível que sente demais, que se hiperfoca, que se sobrecarrega, que silencia. Essa presença corporal não é espetacularizada, mas deslocada: há uma política do detalhe, do quase-imperceptível, da resistência íntima. As artistas constroem uma poética da atenção desviada, onde o que é menor (em escala) torna-se maior (em impacto sensível).

Nesse sentido, o corpo autista deixa de ser o “outro” da norma para tornar-se centro da narrativa. Essa centralidade, contudo, não se dá pela domesticação da diferença, mas pela afirmação de sua opacidade: as obras não se explicam, não se adaptam, não se tornam acessíveis nos moldes convencionais. Ao fazer isso, abrem espaço para uma nova ética do olhar — uma que acolhe o desconcerto e a fricção como parte do encontro.

Curadoria como Gesto Político de Deslocamento

Ao assumir a curadoria como uma prática encarnada, as artistas criam um espaço onde os critérios tradicionais de exposição são substituídos por afetos, ruídos, sobreposições e singularidades. Há um deslocamento da curadoria institucional para uma curadoria situada e afetiva, em que cada escolha expositiva está impregnada de vivência.

Esse gesto se inscreve no que denominamos de curadoria contra-hegemônica, isto é, uma prática que desloca os discursos dominantes sobre o que é arte, quem pode produzi-la, e como ela deve ser mostrada. Ao colocar artistas autistas como curadoras de si mesmas, Avulsas rompe com o lugar tradicional reservado às pessoas com deficiência nas artes, frequentemente limitado à ilustração de sua condição ou à celebração da superação, e propõe, em seu lugar,

uma curadoria que não explica, mas expõe; que não traduz, mas tensiona; que não representa, mas invoca.

Políticas do Sentir e Interseccionalidade

Por fim, é importante destacar como *Avulsas* se inscreve em uma política do sentir. Cada obra carrega uma sensorialidade própria que não é adaptada à lógica do espectador, mas que convida à abertura afetiva. Essa política do sentir autista desafia as normas da empatia superficial e propõe outros modos de relação: menos imediatos, mais demorados, mais táteis.

A exposição também coloca em cena atravessamentos interseccionais (como gênero, classe, territorialidade e deficiência múltipla) sem reduzi-los a etiquetas identitárias. Ao contrário, essas camadas se entrelaçam no sensível, nas escolhas formais, nos modos de aparecer (ou não aparecer). Assim, a exposição atua tanto como denúncia das estruturas capacitistas quanto como afirmação poética de uma existência múltipla, complexa e radicalmente viva.

Conclusão

A exposição *Avulsas* configura-se como um marco curatorial e poético no campo das artes visuais contemporâneas produzidas por pessoas autistas. Longe de buscar representações explicativas ou didáticas do autismo, as obras e a curadoria assumem a diferença como princípio estético, ético e político. Em vez de traduzir a experiência autista para o olhar neurotípico, a mostra propõe tensioná-lo, forçá-lo a sair do conforto da compreensão imediata.

A reapropriação da palavra “avulsa” torna-se aqui metáfora do gesto curatorial: aquilo que era entendido como resto, desvio ou desencaixe transforma-se em força significativa e estética. As artistas, ao ocuparem os lugares de produção, curadoria e enunciação, colocam em xeque as estruturas capacitistas do sistema da arte e produzem mundos outros, onde o silêncio, o ruído, a repetição e a opacidade são não apenas formas de resistência, mas modos sensíveis de existir.

Esta análise procurou evidenciar como Avulsas opera não apenas como exposição, mas como dispositivo de deslocamento e invenção de novas políticas do olhar e do sentir. Mais do que falar sobre o autismo, a mostra fala desde o autismo, gerando fricções que abrem espaço para epistemologias outras, corporificadas e dissidentes.

Referências

- ADAMS, Tony E.; ELLIS, Carolyn. *Autoethnography*. In: LEAVY, Patricia (Org.). *The Oxford Handbook of Qualitative Research*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- ALVES, Maria Thereza. *A descolonização do saber artístico*. In: Revista Pós, São Paulo, v. 27, n. 49, p. 184–200, 2020.
- SINGER, Judy. *NeuroDiversity: The Birth of an Idea*. [S.l.]: Judy Singer, 2017.
- PRECIADO, Paul B. *Eu sou o Monstro que vos fala*. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- SNYDER, Sharon L.; MITCHELL, David T. *Cultural Locations of Disability*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.
- WALKER, Nick. *Neuroqueer Heresies: Notes on the Neurodiversity Paradigm, Autistic Empowerment, and Postnormal Possibilities*. California: Autonomous Press, 2021.